Série III — Ano 6.º | Porto, 9 de julho de 1916 | Número 39

A AURORA

Redacção e administração
Rua do Sol, 131 — PORTO
Composição: Rua do Sol, 131
Impressão: Tip. Viuva Batalha

REDACTOR PRINCIPAL
ANTÓNIO ALVES PEREIRA
Editor — Maciel Barbosa
Propriedade do GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA

Condições d'assinatura (Pagam. adiant.)
Um mês . . . . . $05 (50 reis)
Semestre . . . . . $30 (300 reis)
Um ano . . . . . $60 (600 reis)
Para fóra do país acresce o importe do sêlo
Número avulso, $01 (10 reis)

Piruetas "filosóficas"

SEGUNDO uma carta dirigida aos colaboradores de *Les Temps Nouveaux*, protestando contra a atitude assumida por êstes em face da actual conflagração — não são guerristas — João Grave mostra-se na fagueira disposição de, terminada a contenda europeia, voltar a ocupar o seu antigo posto de revolucionário.

E' sabido de todos os camaradas e mesmo até de não camaradas que João Grave era, antes da guerra de Civilização, um anarquista *enragé* como qualquer bom anarquista. Defendeu, pela pena e pela palavra, os ideais de emancipação económica e política; investiu com os projécteis da sua eloqüência contra o Estado absorvente, contra os políticos tranquibérnios, contra o militarismo arruinante, contra a burocracia pavorosa, contra o patrão explorador. A sua propaganda foi feita com tenacidade e com decência sem contudo deixar de ser feita com grande entusiasmo.

Mercê dêste entusiasmo, Grave esqueceu-se de ver que os teutões se preparavam desde a vitória de 70 para conquistar o mundo, principiando pela França. A imprensa parisiense, a interessada no assunto, agitava constantemente êsse perigo. A febre dos armamentos era tenebrosa, o aumento dos orçamentos de guerra era colossal. Mas Grave não via, Grave estava cego, caído nos braços da Revolução, inteiramente entregue ao apostolado da Anarquia tal qual ela é. Criou adeptos, desenvolveu a propaganda, insubordinou as multidões, que começaram a desrespeitar a bandeira e a insurgirem-se contra o serviço militar, contra a lei dos 3 anos...

Estava Grave neste labor incansável, quando um dia a Alemanha, por motivos que os segredos das chancelarias bem compreendem, se resolveu a invadir a França. Grave e todos os que hoje o acompanham—ficaram boquiabertos, quando afinal de contas, na opinião das gazetas oficiais, era um desenlace que se esperava mais cedo ou mais tarde.

Grave fecha as portas de *Les Temps Noveaux*, entrega as chaves a um amigo e escapa-se para a Inglaterra. Benze-se, arrepende-se, põe as suas opiniões transactas numa rica redoma de vidro por causa do pó, arrecada a sua pena irreverente, revolucionária, num excelente estojo forrado a setim e enfileira-se, de longe, na *União Sagrada*... Como um general que, de repente, quer sustar um ataque das suas próprias fôrças, brada: *Alto!*

Grave lembra-se agora do patriotismo revolucionário do seu país, da Liberdade francesa, da Civilização francesa, da Revolução francesa, e ao mesmo tempo da *liberdade dos povos*... Coloca-se ao lado do Estado, dos políticos, das Companhias e dos seus accionistas, enfim, ao lado dos inimigos de ontem. O que não previu antes, remedeia depois.

Estava eu encerrado no meu humilde quarto a cogitar nesta mudança brusca de opiniões, quase a convencer-me da razão de Grave, quase a aderir à *União Sagrada*, quando súbitamente reparo num jornal que, desdobrado, está na minha frente. Pego nêle e leio umas coisas a propósito do protesto de Grave. Como um grupo de colaboradores de *Les Temps Noveaux* fizesse propaganda antiguerrista e desse umas reuniões nas salas dêste jornal, Grave enviou-lhes uma carta protestando contra o facto de fazerem uso do nome de *Les Temps Nouveaux* —o que não é verdade, pois agem sob o nome de um grupo de colaboradores—e contra as reuniões efectuadas na sua redacção, porquanto, terminada a conflagração, quer *recomeçar a obra interrompida*... Muito bem. Terminada a guerra, isto é, derrotado o militarismo alemão, triunfantes os aliados, Grave e seus partidários despedem-se da União Sagrada: *Adieu! Jusqu'à autre fois.*

Recomeçam a luta contra o Estado, contra o militarismo, contra a burocracia, contra as poderosas companhias, contra a reacção política e religiosa. Por êste facto já não adiro ao intervencionismo, porque não estou disposto a vir para traz para voltar para a frente e depois tornar novamente para traz. Este género de piruetas não me sôa bem. Porque é preciso ver-se: Grave e seus partidários provávelmente ainda cometem outro êrro.

Supunhâmos que a guerra já terminou com estrondosa vitória para os aliados. Supunhâmos que já são passados anos. Supunhâmos ainda que a Rússia se zanga com a França, porque as amisades nem sempre duram, e, encarnando o actual papel da Alemanha, a invade com o seu enorme exército de cosacos. Que fazer depois? Visto que se tratava do militarismo russo, da invasão do país revolucionário, Grave e Campos Limas voltariam a entender-se com a *União Sagrada*, colaborando com os governos, os políticos, os diplomatas e os financeiros? A terem de seguir, dada a hipótese, esta orientação, não será preferível uma vez triunfantes a Civilização e a Liberdade fazerem propaganda patriótica, militarista e governamental, mostrando o perigo russo ou outro qualquer? Eu entendo que é preferível isto a ser-se anarquista-antimilitarista, antiguerrista e antiestatal em tempos de paz entre Estados e *anarquista*-patriota, militarista, guerrista e estatal em tempos de conflagração entre Estados.

Porque estas piruetas «filosóficas» são pouco engraçadas, pouco coerentes.

Evita, no futuro, de Grave, se ainda vivo fôr, ter de desdizer-se, de fechar as portas a *Les Temps Nouveaux*, a interromper um árduo trabalho de propaganda anarquista e antimilitarista, a ir para Londres editar manifestos comparantes aos dos *Dezasseis*, para depois ir recomeçar o trabalho interrompido. Derrotados os impérios centrais, não termina o militarismo na Europa. Os Estados vitoriosos procurarão robustecer-se para defender os mercados conquistados. Admitindo-se mesmo que os impérios centrais nunca mais possam levantar cabeça, rivalisar em poderio militar e concorrência comercial e industrial com os países aliados, ficam as rivalidades duma coisa e de outra entre êstes. Destas rivalidades resultarão os desacordos, as provocações, os conflitos, talvez com o mesmo estribilho de Liberdade e de Civilização.

Por estas razões é que os actuais intervencionistas devem já principiar a propagar a necessidade dos armamentos, da coesão nacional, do sacrifício popular para pagar novos impostos, da obediência pacífica aos dirigentes burgueses, enfim, do neo-patriotismo puro...

Para evitar as piruetas confusionistas...

CLEMENTE VIEIRA DOS SANTOS.

LOGOMAQUIAS

Os que, considerando-se ainda dos nossos, opõem na questão da guerra a tese democrática à tese anarquista e socialista, gostam muito de entoar a cantilena dos «factos», das «realidades», do «realismo». E' a mesma antífona infantil que sempre ouvimos aos socialistas democráticos, aos republicanos e aos conservadores em geral. E, com efeito, em certo sentido, não há gente mais prática, mais realista, mais adaptada do que os burgueses.

Mas estão os pretenciosos «realistas» bem seguros de que vêem e interpretam bem os factos, de que os vêem todos e em conjunto, de que os não abrangem só duma banda ou só em parte?...

Agora, também lemos em jornais do nosso lado, dirigidas aos autores da «Declaração dos Dezasseis», as qualificações de «intelectuais» e «rígidos doutrinários»...